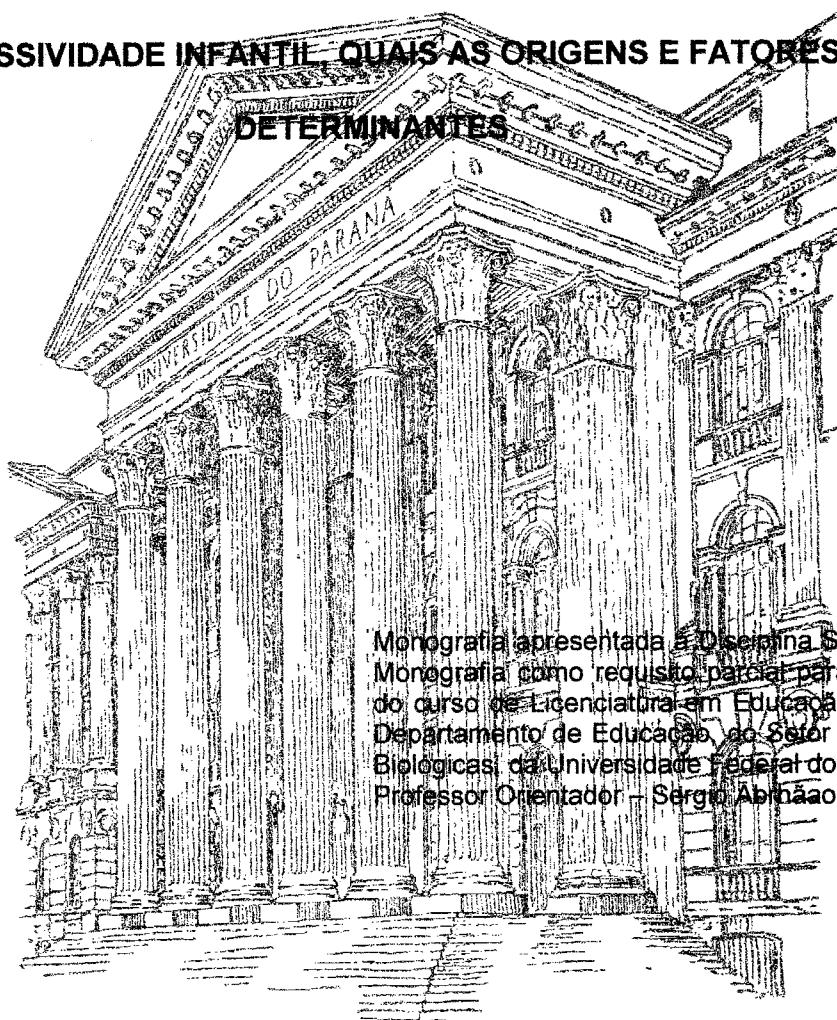


ALEXANDRE G SILVA

**AGRESSIVIDADE INFANTIL. QUAIS AS ORIGENS E FATORES
DETERMINANTES**



Monografia apresentada e Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.
Professor Orientador – Sérgio Abinãao

**CURITIBA
2002**

ALEXANDRE G SILVA

**AGRESSIVIDADE INFANTIL: QUAIS AS ORIGENS E FATORES
DETERMINANTES**



Orientador
Sergio Abrhãao

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa, que esteve comigo durante toda a minha trajetória acadêmica e que me acompanhará por toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me proporcionou sabedoria, força, e o carinho dos meus familiares e todas as demais virtudes para realizar este trabalho.

A minha mãe que me proporcionou condições para que eu pudesse chegar até a faculdade e concluir este curso.

A minha tia Alais, que demonstrou dedicação e muito carinho.

A minha irmã e sua família que me facultou todo o carinho.

Ao professor Orientador Sergio Abrhaão que me orientou para a conclusão deste trabalho.

A todos os professores comprometidos que se dedicaram para a minha formação e são responsáveis por ela.

A todas as pessoas que auxiliaram e deram apoio na realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivos mostrar as origens e influências da agressividade infantil. Uma das origens levantadas é a programação da TV que tem um poder de convencimento muito grande e deve assumir a responsabilidade pelo que produz. Há um excesso de cenas violentas na TV, muitas vezes a violência surge sem a menor necessidade. KAPLAN e SADOCK, (1990), afirmam que crianças que assistem muitas cenas de violências terão seu nível de agressividade aumentada. Este estudo trás este tópico e outros, assim como a origem dos comportamentos agressivos mostrando a importância deste tema para educadores e pais que pretendam intervir na agressividade de crianças e até mesmo entendê-la para nortear estratégias para minimizar tais atitudes entre as crianças.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	v
1. INTRODUÇÃO.....	04
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	04
1.2 OBJETIVOS.....	06
1.2.1 OBJETIVO GERAL	06
1.2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	06
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	07
2.1 CONCEITUAÇÃO DA AGRESSIVIDADE.....	07
2.2 TEORIAS DA AGRESSIVIDADE.....	09
2.2.1 TEORIA DO INSTINTO.....	09
2.2.2 TEORIA DA FRUSTRAÇÃO.....	09
2.2.3 TEORIA DA APRENDIZAGEM.....	10
2.2.4 TEORIA CATÁRTICA.....	10
2.3 FATORES DETERMINANTES QUE INFLUENCIAM E/OU ORIGINAM O COMPORTAMENTO AGRESSIVO.....	12
2.4 PREVENÇÃO E CONTROLE DA AGRESSIVIDADE.....	20
3. METODOLOGIA.....	23
4. CONCLUSÃO.....	24
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Pelo convívio diário com as crianças em idade pré-escolar, notei certa agressividade em suas brincadeiras, segundo (CRATTY 1984), as primeiras tendências agressivas ocorrem na infância e são modificadas de acordo com a reação dos pais ao comportamento agressivo da criança, ou seja a agressividade infantil tem íntima relação com o modo como os pais tratam seus filhos, se dão ou não limites, e esta questão tem íntima relação com a permanência da agressividade.

Crianças que não tem limites tendem a se tornarem agressivas quando estes lhe são impostos. Sendo assim estas crianças, podem expressar toda a agressividade na escola que talvez seja o primeiro local com regras e limites que mesmo não sendo impostos, podem originar comportamentos agressivos.

Segundo (BIAGGIO, 1976) as crianças aprendem não apenas o que lhes é dito o que devem fazer, mas *principalmente* o que vêem ser feito por outras pessoas.

Com isso a violência da sociedade que esta a vista para quem quiser ver, e diante das crianças que estão procurando a cada instante conhecer coisas novas, podem gerar distorções comportamentais. Elas podem assimilar de forma errada esta violência e sem um trabalho e um bom conhecimento do professor, dos pais e familiares que convivem com essa criança, pode trazer conseqüências que possivelmente seriam evitados com o conhecimento de métodos que possibilitassem e prevenissem a agressividade.

Tudo isso sem falar no que mais esta a mão da criança, a programação da TV, até mesmo a infantil, sobre a qual vários estudos já foram feitos e evidenciando que a TV possui forte influência nas atitudes das crianças. Como a

agressividade na pré-escola, muitas vezes não passam de imitações, as crianças transportam o que vêem na TV para o seu cotidiano, inclusive o escolar.

Em certos casos os comportamentos agressivos são expressos de forma clara contudo a mesma claridade não se observa quanto aos motivos desta agressividade, devido as diferentes origens possíveis, com isso um estudo aprofundado sobre a agressividade escolar se faz necessário para obter um conhecimento razoável que permita desenvolver estratégias que contribuam para o controle da agressividade, que nunca deve ultrapassar o que se julgue normal.

Contudo pretende-se através da revisão bibliográfica: INVESTIGAR SOBRE A AGRESSIVIDADE INFANTIL E SEUS PRINCIPAIS FATORES DETERMINANTES QUE GERAM TAIS ATITUDES AGRESSIVAS.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer os fatores determinantes que geram atitudes agressivas nas crianças.

1.2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Conceituar agressividade,
- Verificar a influência da televisão através dos desenhos e filmes com teor violento sobre a agressividade infantil,
- Verificar se o meio social em que a criança vive pode influir sobre a agressividade frente a limites,
- Relatar sobre as origens e influências relevantes a agressividade na criança,
- Prevenção e controle da agressividade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITUAÇÃO DA AGRESSIVIDADE

O assunto sobre a agressividade tem proporcionado grande discussão entre teóricos da aprendizagem social e teórico influenciados pelo conceito de impulso para a agressividade.

Algumas discordâncias básicas em torno da agressão ocorrem sobre definir a agressividade por suas conseqüências observáveis ou pelas intenções da pessoa que apresentou o comportamento.

Um adepto da teoria da aprendizagem (BANDURA, 1973) define a agressão como “o comportamento que resulta numa injúria pessoal ou na destruição da propriedade”. Esta definição ressalta as conseqüências da ação, e não a intenção do autor. Já (FESHBACH, 1970) adepto do conceito de impulso para a agressividade, assinalam a intenção de ferir da pessoa. A agressão deste ponto de vista é geralmente defendida como qualquer ação que pretende danificar alguém ou alguma coisa.

(BUSS, 1961) define agressão como o comportamento que ofende ou tem o potencial para ofender uma outra pessoa ou objeto. Pode ser um ataque físico, verbal ou violação dos direitos alheios, como tirar um objeto à força. Esta definição é objetiva, referindo-se ao comportamento observável porém, incluem muitos comportamentos que não seriam comumente considerados agressivos como por exemplo, se uma criança abre a porta, batendo numa pessoa que está do outro lado, não chamaríamos isso de agressão, salvo se a criança soubesse que a pessoa estava lá.

Outra definição, esta leva em conta a intenção do agente; “a agressão é o comportamento associado à intenção de causar danos à outra pessoa ou objeto” (DOLLARD et al. 1939). Esta definição pode ser menos objetiva, porque envolve

inferências sobre intenções como; uma criança que empurra outra de cima de um brinquedo de parque por querer passar naquele instante, pode não ter a intenção de feri-la, mas muitos considerariam como agressivo este comportamento. Na prática, muitos pesquisadores usam uma combinação aproximada destas duas últimas definições

Muitos pesquisadores também distinguem entre duas formas de agressão. A instrumental é dirigida para alcançar uma recompensa que não seja o sofrimento da outra pessoa. (BEE, 1984). Outro autor descreve sobre a agressão instrumental como o comportamento que tem a intenção de atingir uma meta (MUSSEN et al. 1988).

A agressão hostil à intenção é de ferir alguém (MUSSEM et al. 1988), ou tem como objetivo atacar a outra pessoa (BEE, 1984) Grande parte da agressão entre as crianças muito pequenas parece ser instrumental.

Uma definição aceitável de agressão é, “qualquer comportamento cuja finalidade é causar dano a outro indivíduo” (RODRIGUES, 1988). É preciso que se estabeleça se o ato foi intencional (causalidade pessoal) ou devido a fatores que escapam à vontade do agente (causalidade impessoal). Se a característica de causalidade pessoal se aplica ao ato, tratar-se-á de ato agressivo; caso contrário, o ato não será considerado agressivo à luz da definição acima.

Conclui-se com tudo que a agressividade pode ser física ou morai, envolvendo o agressor e a vítima, tendo como objetivo prejudicar a outro de forma direta, ferindo fisicamente, ou indireta através de prejuízos morais causados a alguém intencionalmente. Pode ser também através de fala ou de gestos.

2.2 TEORIAS DA AGRESSIVIDADE

2.2.1 TEORIA DO INSTINTO

Na concepção Freudiana, “a agressão origina-se, primariamente, do redirecionamento do instinto de morte auto destrutivo da própria pessoa em direção a outra” (KAPLAN e SADOCK, 1990). Os defensores desta teoria afirmam que a agressividade é a expressão espontânea de um instinto inato. (FROMM, 1965), Combate à teoria Freudiana dos instintos agressivos e sexuais como comandando a toda a existência do indivíduo. É o primeiro a apresentar o meio social como hipótese explicativa.

LORENZ, citado por MONTAGU (1978), afirma que “os problemas da humanidade surgem em grande parte porque essa energia da agressividade, não encontrando saída adequada, transportada sob a forma de comportamento destrutivo” ,afirma que o impulso agressivo é um instinto primário de preservação da espécie.

MONTAGU (1978) discorda de LORENZ (1973), afirma que:

- não existem impulsos, instintivos ou predisposições que levem a matar membros da própria espécie ou de qualquer outra, ainda que em certas situações os homens possam ser facilmente ensinados a fazê-lo. Mas isso é muito diferente de dizer que existe uma base biológica que espontaneamente leve qualquer animal, e especialmente um ser humano, a ser agressivo -.

2.2.2 TEORIA DA FRUSTRAÇÃO

Nesta teoria, considera-se a agressão como um comportamento de reações, que dependem das condições situacionais particulares, onde a frustração está presente (MOSER, 1991).

KAPLAN e SADOCK (1990) afirmaram que dentro da concepção da frustração – agressão, a frustração causa o desencadeamento de um impulso, que tem como objetivo primário ferir alguma pessoa ou objeto, levando a ataques contra vários alvos, em especial, contra a fonte de frustração.

Para CARVALHO (1985), as condições atuais de vida social como a educação e a cultura da sociedade moderna, estariam na origem do sentimento da frustração. As limitações impostas, de forma administrativa, judicial e religiosa, causam um desequilíbrio no indivíduo, onde a resposta será a agressividade.

2.2.3 TEORIA DA APRENDIZAGEM

Ao contrário da teoria da frustração-agressão, a teoria da aprendizagem social não necessita de uma explicação específica para o comportamento agressivo, mas considera que ele é adquirido, mantido e atualizado da mesma maneira que a maioria dos comportamentos sociais, segundo seus partidários (MOSER, 1991).

Segundo BANDURA (1973), a agressividade depende de três fatores:

- Adquiriram respostas agressivas através de experiências passadas;
- Por serem recompensados por tais ações;
- São levados à agressão pelas condições ambientais ou sociais específicas.

Está comprovado hoje, que o comportamento depende das características da sociedade em que se vive, sendo “*as instituições políticas, religiosas, educativas, culturais, etc., que determinam as características do comportamento*” (CARVALHO, 1985).

2.2.4 TEORIA CATÁRTICA

No dizer de CRATTY (1984) “*esta teoria considera que a expressão física de hostilidade será uma catarse ou cura temporária para os sentimentos agressivos e resultarão num equilíbrio psíquico*”.

Para explicar melhor o termo *catharsis*, SINGER (1977) relata que as pessoas quando observam uma atividade violenta na televisão, nas arquibancadas, no cinema, no esporte e em outros lugares, podem projetar-se no papel daquele que está atuando e liberar suas emoções. Nas competições os espectadores ao torcerem e gritarem estão se beneficiando desta situação.

Segundo SINGER (1977), há também o ponto de vista contrário, onde se afirma: “aquele que assiste a uma atividade violenta torna-se mais hostil”.

BERKOWITZ (1964), foi um dos cientistas que não negou a existência da *catharsis*, mas contrário a esta teoria afirmou: “pessoas que foram irritadas e que viram agressões filmadas estarão mais propensas a agir agressivamente do que aquelas que não tiveram tais experiências”.

2.3 FATORES DETERMINANTES QUE INFLUENCIAM E/OU ORIGINAM O COMPORTAMENTO AGRESSIVO

Existem fatores que determinam comportamentos agressivos. Dentre eles, encontram-se os determinantes sociais, ambientais e situacionais (KAPLAN e SADOCK 1990) .

Nos determinantes sociais, a frustração é vista como a principal causa da agressão. Existe o outro lado, onde pessoas frustradas nem sempre respondem com comportamentos, palavras ou atos agressivos. Muitas mostram uma variedade de reações como resignação, depressão e desespero, até tentativa de superar a fonte de sua frustração. BANDURA, ROSS E ROSS (1961), mas uma criança frustrada tem mais probabilidade de agir agressivamente do que uma que não o seja. Segundo ainda outro autor DOLLARD et al. (1939) uma situação frustrante provoca agressividade. O autor afirma que a frustração sempre gera agressão e que toda agressão pressupõe sempre a existência de uma frustração. Outros autores como JONES e GERARD (1967), afirmam que “os autores da hipótese de que a frustração conduz `a agressividade ignoram, amplamente, os fatores que determinam a percepção de responsabilidade e, não obstante, a consideração de tais determinantes é crucial na compreensão dos atos que, em princípio são frustradores”.

PASTORE (1952) verificou que ao defrontarem situações frustradoras não arbitrarias, os sujeitos mostravam pouca agressão do que aqueles que eram alvos de eventos frustradores arbitrários.

Replicando o achado de Pastore, COHEN (1955), neste mesmo experimento, introduziu duas novas condições, uma frustração gerada por figura de autoridade (*status*) e outra sem. COHEN (1955), verificou que reações agressivas ocorrem significativamente com mais frequência no caso da frustração originada por pessoas sem autoridade que na outra circunstância. Foi

verificado que, quando uma pessoa de status elevado frustra uma outra de status inferior, esta em geral omite qualquer resposta agressiva.

Sabe-se que o sentimento ou impulso agressivo é um estado interno, impulso este que nem sempre é expresso de maneira clara, o que dificulta a sua observação

Percebe-se a criança que se envolve em comportamentos hostis, intrusos, destrutivos, como uma criança que possui sentimentos profundos de ira, rejeição, insegurança e ansiedade, sentimentos de mágoa e, muitas vezes, um senso de identidade difuso e uma opinião muito pobre a respeito do seu eu que lhe é conhecido.

Na escola, o que ocorre normalmente são brigas sem importância e sem maiores conseqüências, que duram apenas segundos. O motivo quase sempre é a disputa por brinquedos.

Para JORDÃO (apud ZAGURY, 1995), a agressividade faz parte do processo de socialização. Por isso, os pequenos conflitos são normais.

Segundo ZAGURY(1995) o processo de socialização (determinante social), implementado paralelamente pela família e a escola, têm como uma das premissas básicas exatamente o controle do instinto agressivo, a agressividade infantil é conseqüência de uma convergência de fatores em que o meio é de fundamental importância. A autora (ZAGURY) chama a atenção para a atitude dos pais frente aos limites de seus filhos.

Muitos pais modernos acreditam que o papel mais importante é fazer os filhos felizes, quando na verdade, para educar verdadeiramente, temos que, em muitos momentos, contrariar os desejos das crianças e jovens. A autora (ZAGURY) conclui ainda que a liberdade exagerada pode gerar crianças agressivas, desobedientes e com problemas de sociabilidade .

Há muita probabilidade de que crianças que não aprendem a ter limites tenham problemas num futuro próximo como no ambiente escolar, onde terão

que aprender a conviver, a esperar, enfim, terão que dividir espaços e atenções. Se a criança não aprender isso desde pequena, provavelmente começará a ter problemas com a autoridade podendo gerar frustrações, onde esta criança não saberá lidar com suas emoções tendo em muitas situações atitudes grosseiras e violentas frente a uma ordem.

Os especialistas concordam que a faixa etária que vai de zero a três anos é decisiva na formação da personalidade. E é exatamente nela que a agressividade se desenvolve. Na medida certa a agressividade é um instinto fundamental na superação dos obstáculos de toda ordem que vão surgindo ao longo da vida. Se for excessiva, deve ser canalizada pelos pais e educadores para jogos saudáveis, para que não traga conseqüências mais sérias. Crianças que não possuem limites tendem a se tomarem agressivas quando estes lhe são impostos.

Segundo os autores SEARS, MACCOBY E LEWIN, (1957) "A educação dada pelos pais desempenha relevante papel na formação de uma personalidade mais ou menos agressiva" e que fatores situacionais funcionam como fatores desencadeantes de comportamentos agressivos.

O autor BALLONE, afirma que as respostas não apropriadas dos pais ante a conduta do filho e modelo dos pais que refletem comportamentos inadequados têm implicações no desenvolvimento e manutenção de condutas agressivas nos filhos. O autor ainda contribui sobre a questão da responsabilidade dos pais frente ao controle da agressividade afirmando que algumas crianças envolvidas em situações agressivas não aprenderam as habilidades sociais necessárias e desejáveis para relacionar-se com os demais, não são disciplinados para a consecução de objetivos e não aceitam críticas. Isso muitas vezes reflete um modelo de conduta aprendido no ambiente doméstico. Este último acontecimento citado por BALLONE, também pode desencadear frustração na criança que não consegue lidar com esta nova situação provocando ataques nervosos nestas

crianças, conseqüentemente terá atitudes grosseiras pelo simples fato de não ter vivenciado tal situação antes, da mesma forma como descrito no caso da criança que não sabe lidar com suas emoções.

BALLONE, conclui que a harmonia familiar atua como fator de proteção e segurança necessários ao desenvolvimento confortável da criança, contribuindo para uma melhor adaptação emocional ao meio e favorecendo um desenvolvimento sadio de condutas sociais, sendo assim um meio de controle de possíveis condutas agressivas de seus filhos.

RODRIGUES (1988), em outra situação afirma que se uma criança consegue o que quer através da manifestação de comportamento agressivo, é provável que este comportamento tenda a repetir-se com mais frequência nesta criança do que em uma outra cujo comportamento agressivo não surtiu o efeito desejado.

Daí a grande responsabilidade de pais e educadores em relação à maior ou menor agressividade de seus educandos.

BANDURA, ROSS E ROSS (1961) demonstram que as crianças que observam um adulto brincar com um brinquedo de arma e, após um tempo, começa a agredir uma boneca de cerca de 1 metro e meio, mostraram-se muito mais agressivas quando em situações idênticas, do que crianças que observaram um adulto brincar simplesmente com o brinquedo de arma e ignorar a boneca plástica. A imitação desempenha papel fundamental no processo de socialização da criança.

Pais muito tolerantes com manifestações agressivas de seus filhos, mas também altamente punitivos, possuem filhos mais agressivos que pais pouco tolerantes com manifestações agressivas, mas também pouco punitivos. O amor é uma das soluções em muitos casos para crianças agressivas, segundo o pesquisador americano ROBERT BLUM.

A autora ZAGURY, defende a necessidade do amor na educação dos filhos, mas observa que a excessiva liberalidade pode levar à criação de filhos agressivos.

Conclui-se que pais e professores muitas vezes têm responsabilidades sobre atitudes grosseiras, quando se omitem sobre tais comportamentos das crianças ou deixam-nas com total liberdade não mostrando limites, podendo acarretar em atitudes agressivas quando for imposta. Com isso muitas crianças podem concluir que ser agressivo é a forma mais fácil de se alcançar algo que querem e não implicará em problemas já que pessoas adultas não desaprovaram atitudes anteriores

Outro tema de grande importância para a origem e influência da agressividade é o efeito da TV (determinante social), juntamente com o da família e da escola, onde assumem grande importância na formação dos futuros cidadãos. ZAGURY, acredita que a TV tem um poder de convencimento muito grande e deve assumir a responsabilidade pelo que produz.

ZAGURY acredita que há um excesso de filmes e seriados na TV e isso sem dúvida influencia o comportamento das crianças, podendo torna-las insensibilizadas, achando que a matança que vêem na tela é normal. Muitas vezes a violência surge sem a menor necessidade.

Crianças que assistem muitas cenas de violência terão seu nível de agressividade aumentada em relação aos outros (KAPLAN e SADOCK, 1990).

A maioria dos estudos assegura que os meninos tendem a imitar as ações violentas que vêm na TV, tendem a ser mais tolerantes com a agressividade e aceita-la melhor, assim como, tendem a desenvolver outras formas de agressão. Além disso, tem-se observado que os meninos agressivos normalmente escolhem programas mais violentos e que há mais meninos adictos a essas programações que meninas (HUESMANM e MILER, 1994).

Para RODRIGUES (1988), a criança ao ver freqüentemente cenas de violência fica pouco sensível às mesmas e passa a encarar com naturalidade as maiores atrocidades; a criança tende a imitar o modelo de adultos significantes (e os heróis dos filmes são, via de regra, pessoas com quem a criança se identifica) e estes muitas vezes usam de violência nestas apresentações, a criança aprende a reagir com violência às frustrações e espera que os outros assim o façam pois esta é a maneira pela qual ela representa o mundo, isto é, agressivo, violento, ameaçador e competitivo.

Nem todas as investigações confirmam estas observações. Há autores que atribuem o suposto impacto da TV como um auxílio à compreensão e interpretação da criança sobre o que aparece na tela (Huesmanm, Erom, Kleim et al., 1983).

Argumentam que seria favorável à exibição de filmes e programas violentos no cinema e na televisão. Dizem os defensores desta posição que as crianças constantemente estão ligados a cenas de violência no cotidiano de grandes centros urbanos ou até mesmo expostos na televisão através de telejornal. Ademais relatam os defensores que a violência exibida na TV, fazem com que os filmes e desenhos não chamam mais atenção especial das crianças.

Afirmam ainda que este tipo de programação pode ter efeitos catárticos, isto é podem facilitar substancialmente a expressão de sentimentos agressivos, evitando que as crianças se comportem agressivamente no mundo real.

Estudos realizados por BANDURA et all (1961 – 1962) e por BERKOWITZ e GEEN (1966 – 1967) concluem pelo efeito nefasto dos filmes que apresentam cenas de violência. Mostraram que tais filmes são capazes de provocar maior incidência de comportamentos agressivos, reforçando hábitos agressivos anteriormente adquiridos. Os estudos de BERKOWITZ e GEEN, mostraram claramente o papel desencadeante de agressão desempenhado por filmes, que

apresentam estímulos facilmente associáveis a outros que, na vida real, podem facilmente tornar-se alvos de agressividade da pessoa que assiste ao filme.

Os experimentos de BERKOWITZ e GEEN, demonstraram que:

- A presença de objetos agressivos (pistolas, revólveres) aumenta a agressividade das pessoas, pelo menos daqueles que estão emocionalmente excitados por um estado de raiva;

- Ao assistirem um filme que apresente violência do tipo (luta de boxe em que um dos lutadores sofre uma terrível surra) aumenta a agressividade das pessoas. Este resultado foi confirmado por um outro experimento conduzido por HOYT e TANNENBAUM.

À luz dos resultados encontrados, BERKOWITZ (1970) conclui pelo efeito nocivo dos filmes e programas violentos no que tange ao comportamento agressivo de seus assistentes. Para o autor a noção de que a tragédia tem efeitos catárticos, resultando em atenuação da agressão, não se confirma experimentalmente.

FESHBACH (1961) verificou que filmes que apresentam cenas de violência podem desempenhar papel catártico, tomando as pessoas que a eles assistem menos propensas à agressão. Tal achado foi contraditado por um experimento conduzido por BERKOWITZ e RAWLINGS (BERKOWITZ, 1962).

BEE (1984) outra autora que acredita na influência negativa da programação da TV sobre a agressividade infantil afirma que “as crianças que assistem a programas violentos são mais agressivas do que seus companheiros que assistem a programas menos violentos” baseada em LIEBERT & SCHWARTZBERG (1977). Se a criança souber que o pai ou a mãe desaprova a agressão ou então desencorajam uma situação agressiva, o efeito da violência da TV é diminuído até certo ponto. Outro ponto levantado pela mesma autora é sobre os efeitos da violência na TV, acreditando ser acumulativos. Afirma

“quanto mais programas violentos a criança vê , mais agressiva ela parece ficar” baseada em STEUER, APPLEFIELD & SMITH (1971).

JOSEPH DOMINICK e BRANDLEY GREENBERG (1972), verificaram que escolares que assistiam a grande quantidade de programas violentos eram mais propensos a considerar a agressão como um bom meio de resolver problemas, do que as crianças menos expostas a esse tipo de programação. Esse efeito é enfraquecido em crianças provenientes de famílias que desaprovam a agressão, mas o efeito não desaparece totalmente. O que isso significa para nós é que todas as gerações de crianças que assistem a televisão estão crescendo com a idéia de que a agressividade e a violência são formas úteis e eficientes de resolver suas dificuldades concluem os autores da pesquisa.

KAPLAN e SINGER (1976), após reverem as provas apresentadas pelos vários estudos sobre a relação entre violência na televisão e comportamento agressivo, chegam à conclusão de que não há evidencia suficiente que comprove esta associação. Um dos pontos centrais da argumentação destes autores é que os estudos feitos no laboratório, quando generalizados para a vida real, muitas vezes não se aplicam em virtude dos vários fatores situacionais que influem no comportamento agressivo. Outro ponto salientado por KAPLAN e SINGER (1976) é que a maioria dos estudos feitos para mostrar a relação existente entre violência na TV e comportamento agressivo utiliza crianças a sós e não na presença de adultos. Segundo estes autores, um estudo realizado por HICKS (1978) demonstrou que crianças que assistem a programas violentos na TV em presença de adulto que mostra desaprovação ao comportamento violento tornam-se menos agressivas do que um grupo de controle.

Carecemos ainda de resultados definitivos sobre o efeito verdadeiro dos filmes e programas que contém cenas de violência, no que concerne ao comportamento posterior dos que se expõem a tais estímulos, porém não será difícil quem trabalhar com a educação infantil notar em algumas crianças cenas

tão parecidas com as que vemos em desenhos, filmes infantis e até de certos jogos de vídeo game.

Freqüentemente, os meninos são mais agressivos do que as meninas. Os meninos se acham especialmente inclinados a usar a agressão física, mas também mostram mais agressão verbal do que as meninas. FAGOT & HAGAN (1974), PARKE & SLABY (1983).

Os meninos são particularmente propensos a reagir com agressão física quando são atacados ou quando alguém interfere em suas atividades. Em um estudo de observação de crianças pré – escolares, os meninos eram atacados apenas ligeiramente com maior freqüência do que as meninas, porém eram duas vezes mais propensos a responder com um contra – ataque (citado em PARKE & SLABY, 1983).

Alguns teóricos argumentam que a consistência das diferenças de sexo através das culturas humanas e das espécies é uma evidência forte de influência biológicas. Porém os estudo que testaram a relação dos hormônios sexuais com a agressão levaram a resultados ambíguos. Os pesquisadores fizeram pouco progresso em especificar como tal sistema biológico poderia operar.

A experiência social de meninos e meninas no que tange à agressão é bem diferente. A agressão é parte do estereótipo masculino e o comportamento agressivo é esperado, sendo muitas vezes implicitamente encorajado para os meninos (MUSSEN, CONGER, KAGAN, et al 1988).

BALLONE, afirma que ultimamente, entretanto, essas diferenças estão diminuindo, provavelmente devido às mudanças sócio-culturais. As eventuais diferenças de conduta entre os sexos emergem na idade escolar com o processo de socialização da criança. Os meninos, quem sabe por uma questão de maior imaturidade psicoemocional, estão menos preparados psicologicamente que as meninas para a socialização, vida em grupo, participação cooperativa e, por isso, costumam ter mais problemas de adaptação e de orientação. Alguns autores

afirmam que as meninas tendem a desenvolver condutas cooperativas mais precocemente, modelo que logo se aplica à situação escolar. Também se sugere que os meninos possam desenvolver, ao invés de condutas cooperativas, condutas competitivas. E isso favoreceria um modelo mais agressivo de comportamento (Prior, Smart, Sansom e Oberklaide, 1993).

Na maioria das pesquisas realizadas sobre o tema observa-se por fatores acima descritos, que os meninos possui maior número de atitudes agressivas do que as meninas, mas é importante salientar que nas pesquisas mais recentes observa-se que esta diferença entre meninos e meninas vem diminuindo ou seja as meninas estão tendo atitudes agressivas em maior incidência que em tempos atrás, muitos dos autores denotam a causa pela mudança nos últimos tempos pelas mudanças sócias culturais.

2.4 PREVENÇÃO E CONTROLE DA AGRESSÃO

Sobre o controle da agressão, BIAGGIO (1976, citado por BARROS 1986, p.144), afirma : *“O comportamento agressivo é geralmente difícil de ser reduzido, pois na vida diária, ele é reforçado inconsistentemente (a agressão, às vezes, não tem conseqüência alguma)”*.

BARROS (1996) afirma que uma forma de reduzir o comportamento agressivo, seria o ideal combinar duas maneiras, ou seja, a apresentação de modelos e o reforçamento das respostas socialmente aceitas.

Segundo MOSER (1991, p. 93), *“todo o estímulo que provoca estado afetivo ou resposta incompatível com a cólera ou a agressividade aberta é capaz de inibir o comportamento agressivo, na medida em que o paciente é incapaz de empenhar-se em dois comportamentos incompatíveis, ou de experimentar estados contraditórios”*.

O treinamento de habilidades sociais apropriadas pode oferecer uma abordagem promissora para a redução da violência humana, (KAPLAN e SADOCK 1990).

Segundo FERRANDO e BASSOLS (1989, p.9), “se os atletas aprenderem a respeitar as regras do jogo desde o princípio e entenderem o desporto como uma atividade expansiva e lúdica e não como uma desforra perante as contrariedades da vida cotidiana, certamente que a transferência do aumento da agressividade reduzir-se-á” .

Outras formas de prevenção e controle da agressão, analisadas por KAPLAN e SADOCK (1990 p. 100) são : “as punição como meio de impedir a agressão; o treinamento de habilidades sociais; a indução de respostas incompatíveis e em casos mais graves, o tratamento com drogas”.

Para KAPLAN e SADOCK (1990, p.100), a desaprovação social é uma forma de punição suave. As fortes punições tendem mais a provocar desejos de vingança ou retribuição, do que controlar a violência.

Outra forma para redução da agressão seria a simples manipulação, ou seja, premiar a cooperação e boas atitudes e ignorar, não premiando a agressão que segundo BIAGGIO (1976), dão bons resultados.

Sabe-se que as pessoas aprendem imitando o comportamento de outras pessoas, seguindo modelos. Conforme BANDURA (1960, citado por BAGGIO 1976), desta forma a apresentação de modelos exibindo respostas socialmente aceitas de cooperação, pode também vir a contribuir para a redução de comportamentos agressivos.

Outro ponto importante que pode influir na agressividade como já visto é a programação da TV, tendo isto em vista para prevenção e controles da agressividade devem saber como lidar e orientar os pais dos alunos a autora ZAGURY (2001) acredita que *“a atitude mais saudável e educativa é, a do equilíbrio. A televisão é irreversível, assim como a atração que a maioria das*

crianças - e muitos adultos também - sentem por ela. Posto isso, se temos que viver com ela, que seja uma convivência harmônica e produtiva”.

Segundo ZAGURY (2001), devemos partir do pressuposto de que a televisão não é um mal em si, e que, dependendo de como a utilizarmos, ela poderá até ser uma boa auxiliar na educação de nossos filhos.

A autora acima orienta que os pais ajudem a desenvolver o senso crítico, transformando-os - pelo hábito de pensar e analisar tudo aquilo que assistem - em espectadores divergentes, capazes de se oporem e de analisarem as situações colocadas, sob a ótica de valores como honradez, honestidade, solidariedade etc.

ZAGURY (2001), acredita que trabalhando dessa forma, a televisão pode se transformar num veículo útil para o desenvolvimento intelectual e moral dos nossos filhos. Sendo assim minimizando a influência que a TV pode ter sobre a agressividade infantil.

3. METODOLOGIA

Para o presente estudo foi utilizado a pesquisa bibliográfica. Foram levantadas fontes bibliográficas em bibliotecas, Internet e livrarias sobre a agressividade infantil, buscando os principais fatores determinantes que geram atitudes agressivas. Houve também as indicações de obras literárias através dos colegas acadêmicos e professores do Departamento de Educação Física – UFPR.

Pretende-se realizar um relato dos principais fatores determinantes da agressividade infantil relacionados ao ambiente escolar. Também será considerada a experiência do pesquisador, uma vez que no período de dois anos vem trabalhando com a Educação Física na educação infantil.

4. CONCLUSÃO

O presente estudo oferece condições a pessoas que trabalham com a criança em idade pré escolar, ampliar seus horizontes sobre o assunto e se utilizar deste como um arranque para se aprofundar mais em um tema de suma importância para profissionais deste ramo.

Os fatores que determinam atitudes agressivas são várias e são grandes as possíveis naturezas destes fatores como: ambientais, sociais, situacionais (KAPLAN e SADOCK, 1990). O que observei em relação as atitudes agressivas fica evidenciado no texto da autora (ZAGURY 1995) que afirmou - a agressividade infantil, é conseqüência de uma convergência de fatores em que o meio é de fundamental importância. Dentre estes fatores, a autora chamou atenção ao fator da TV, que juntamente com o da família e da escola assume grande importância na formação dos futuros cidadãos. Ela acredita que a TV tem um poder de convencimento muito grande e deve assumir a responsabilidade pelo que produz -, sendo assim as brincadeiras de lutas, que sempre resultam em atitudes agressivas, muito vistas em desenhos e filmes rotineiros na TV se confirmam também na bibliografia junto com esta autora, que colocou como fator determinante de atitudes agressivas nas crianças de idade pré escolar a TV. Por outro lado a os que afirmam que este tipo de programação pode até mesmo ser útil a criança através de catarse, algo que através dos várias pesquisas de autores diferenciados eu sinceramente não creio e credito esta afirmação em dois anos de experiência com crianças desta idade.

Comparando o que evidenciei através de observação com o da bibliografia, notei que a frustração pode ou não resultar em atitudes agressivas dependendo da natureza da criança, onde segundo (KAPLAN e SADOCK, 1990) a frustração (determinante social) é vista como a principal causa da agressão, mas as crianças (pessoas) frustradas nem sempre respondem com

comportamentos agressivos, muitos mostram uma variedade de reações como resignação, depressão e desespero, até tentativa de superar a fonte de sua frustração. Indo de encontro a frustração, não evidenciei que toda a frustração geram atitudes agressivas segundo a hipótese de DOLLARD que sugeriu que a frustração sempre levaria à agressão e que a agressão sempre resultaria da frustração. Outro tópico observado e evidenciado foi em cima da questão dos limites, que através da bibliografia tem muito a ver com a agressividade, onde ao eu impor limites as crianças principalmente as mais novas (quatro anos – JD II) se mostravam irritadas por serem contrariadas, isto não se evidenciou nestas mesmas crianças ao brincarem com seus brinquedos, desde que não sendo encomodadas por colegas que por ventura quisessem tomar seus brinquedos.

Por fim através da bibliografia com tantos tópicos a favor e alguns que não se observou fica evidente a importância do tema “Agressividade Infantil” , onde nós profissionais introduzido neste campo de trabalho devemos combater com intensidade a agressividade visto que as influências a favor deste na sociedade, ambiente, situacionais e excesso de liberdade são muitas e notáveis. É de fundamental importância conhecer os diversos fatores, para entender as mais variadas atitudes agressivas no âmbito pré-escolar, onde saber as influências é e serão importantes para se desenvolver estratégias que contribuam para o combate da agressividade escolar. Concluo que o amor e o relacionamento sincero com os filhos/alunos é a melhor solução para controle da agressividade, e que os pais tem importância neste processo devendo ser sempre o primeiro a saber e ajudar no caso de agressividade em excesso ou por longos períodos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEE, Helen. A Criança em Desenvolvimento. Ed. Harbra, 1984, São Paulo – SP.

CORREIA, Eliana G. **O controle da agressividade na prática da Educação Física escolar**, Curitiba, 1995. Monografia apresentada como critério de conclusão do curso de Educação Física do setor de ciências biológicas da Universidade Federal do Paraná

GOMIDE, Paula Inez da Cunha. A influência de Filmes Violentos em Comportamento Agressivo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Curitiba PR, n. 13, p.127-141, 2000.

JAEGER, Angelita Alice; **DORNELES**, Daniela Soares; **GRIGOLETTI**, Soares et al. Agressividade Infantil, *Revista Kinesis*, Santa Maria, nº18, p 51 – 74, 1997

KURYLAK, Edson Luiz. Educação Psicomotora, **Sprint Magazine**, nº105, 1999.

LUCAS, Peter. A Cultura da Violência, dentro da própria escola. **Nova Escola**, São Paulo, n.118. Dez. 1998. Entrevista.

MUSSEN, Paul H., **CONGER** John J., **KAGAN**, Jerome et al. Desenvolvimento e a Personalidade da Criança. 2ª ed. São Paulo – SP : Ed. Harbra, 1988.

PAPALIA, Diene E. **OLDS**, Salley W, O Mundo da Criança. Ed. Mc Graw Hill, 1981, São Paulo – SP.

RODRIGUES, Aroldo. Psicologia Social. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1988, Petrópolis - Rj

SINGER, Jerome L. **O Controle da Agressão e da Violência**. São Paulo: E.P.U. 1975.

MONTAGU, Ashley. A natureza da agressividade humana. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

MOSER, Gabriel. A agressão. São Paulo : Ática. 1991.

MUSSER, Conger; **KAGAN**. Desenvolvimento e personalidade da criança. São Paulo Harper do Brasii, 1977

<http://server.mb.unicamp.br/svor/agres.htm>

<http://12000.intermol.com.br/saude-comporta.../sc-28121998-1htm>

http://www.kakamor.hpg.ig.com.br/conscia_e_educacao/5/index_int_3.html

<http://sites.uol.com.Br/gballone/infantil/conduta2.html>

<http://www.escolaharmoniaasp.com.Br/contos.asp#epreciso>

<http://www2.uol.com.Br/JC/1999/1605/cleidecavalcanti>

<http://www.saintjohn.g12.br>

http://www.uol.com.br/aprendiz/aprenderonline/aprender/colunas/tania_zagury/index.htm

<http://www.aescola.com.br/aescola/colunas/20taniaz/2001/11/0001>